

Ouvindo as Vozes do Outro e Traduzindo a sua Cultura: Elizabeth Bishop e o Quarto Centenário do Rio de Janeiro

Vívian Souza de Santana¹
Silvia Maria Guerra Anastácio²
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo

Considerando o processo de criação de uma obra como uma rede aberta em constante interação com o meio em que se insere, este trabalho busca estabelecer possíveis diálogos entre manuscritos da prosa *On the Railroad Named Delight* da escritora norte-americana Elizabeth Bishop e textos documentais de jornais e revistas da época. Deseja-se identificar como Bishop filtra a cultura do Outro, especialmente através das músicas cantadas naquela década, que traduzem os valores sócio-culturais do povo carioca. O momento escolhido pela autora é o quarto centenário do Rio de Janeiro em que as festividades irão trazer à tona imagens de brasilidade tão bem desenhadas por Bishop no seu texto.

Palavras-chave: Bishop – Centenário - Brasil.

Abstract

Considering the process of creation of a work of art as a net where a confluence of signs are in constant interrelation with its context, the proposal of this research is to establish possible dialogues between the drafts of *On the railroad named delight* by Elizabeth Bishop and the newspapers, as well as the magazines published when such a prose was written in 1965. The idea is to identify how Bishop has filtered the culture of the Other, especially through sambas and Brazilian songs dating from that decade that translate the social and cultural values of people from Rio de Janeiro in the fourth centenary of the city. Her text focuses on commemorations that took place in Rio at that time and represent Brazil through images that have been poetically constructed by Bishop in her text.

Key words: Elizabeth Bishop – Centennial - Brazil.

Começando a dialogar com o Outro

Entende-se pela expressão “o Outro” aquele que, segundo Sadar e Loon (1997), representa um grupo social, classe, cultura, civilização ou gênero diferente daquele que observa. Olhamos para o Outro e o julgamos segundo as nossas crenças, sendo este ato, muitas vezes, permeado por estereótipos dos mais diversos. O estereótipo é uma força que manipula e reduz os indivíduos a sujeitos sociais, buscando controlar, até mesmo, seus pensamentos, suas reações (ANASTÁCIO, 2006). O fato é que o olhar que lançamos para o Outro está impregnado de suposições prévias que fazemos dele, o que pode não corresponder a dados factuais, mas remete a uma visão etnocêntrica que nos faz retratar

¹ Estudante da Graduação de Letras e pesquisadora PIBIC da Universidade Federal da Bahia

² Professora Titular do Departamento de Letras Germânicas da Universidade Federal da Bahia

aqueles que nos são diferentes segundo as nossas concepções. O etnocentrismo é, como afirma Katan:

A crença de que a visão global da cultura de um indivíduo é central a toda 'realidade'. Como resultado lógico, esta crença na superioridade intrínseca da cultural a qual um indivíduo pertence é acompanhada por sentimentos de desagrados e desprezo por outras culturas³ (Katan, 2004, p:28).

É com base nestas reflexões que iniciamos a análise da obra *On the Railroad Named Delight* da escritora norte-americana Elizabeth Bishop (1911-1979) que, no seu ensaio, retrata o Rio de Janeiro de 1965, data do IV Centenário. O brasileiro era visto por Bishop como “o Outro”, ou seja, aquele que divergia do seu próprio eu. É no contato com o Outro que o sujeito existe, pela diferença que se instaura em relação ao Outro, e nesse interstício Bishop então se reconhecia como sujeito. O artigo foi uma encomenda feita pela *New York Times Magazine* e assim como todos os trabalhos que Bishop aceitava por dinheiro, sentiu-se tão bloqueada para a conclusão do mesmo, que este acabou sendo entregue de última hora. Foi publicado em 07 de março de 1965.

O presente ensaio de crítica genética privilegia trabalhar com manuscritos da obra *On the Railroad Named Delight* cujos originais encontram-se na biblioteca de *Vassar College*, localizada em Poughkeepsie, New York. Trata-se de três versões datilografadas de nove páginas cada uma, corrigidas a punho, o que muitas vezes dificulta a compreensão do documento. A primeira versão data de janeiro de 1965. O acervo trabalhado, que são cópias autenticadas dos originais de Vassar, encontra-se no Departamento de Letras Germânicas da UFBA.

Ao primeiro contato com o título da obra, este nos remeteu à peça do dramaturgo norte-americano Tennessee Williams (1911 –1983), *A Streetcar Named Desire*. Um possível diálogo entre ambos os títulos teria impulsionado este trabalho, pois uma aparente relação entre as obras, despertou a nossa curiosidade para descobrir possíveis intertextos. Considerando que para investigar tal hipótese seria necessário analisar ambos os textos aí implicados, seguem-se, então, aspectos instigantes de *On the Railroad Named Delight*,

³ *Ethnocentrism is the belief that the worldview of one's own culture is central to all reality . As logical result, this belief in the intrinsic superiority of the culture to which one belongs is often accompanied by feelings of dislike and contempt of other cultures.*

focalizando a época, aspectos culturais e o local de fala em que foi escrito. Em Bishop, tem-se *Uma Ferrovia Chamada Prazer*, que poderia ecoar a peça de Tennessee Williams, *Um Bonde Chamado Desejo*. Afinal, haveria, de fato, um diálogo entre ambos os textos?

Para dar conta desta empreitada, diversos documentos têm sido consultados a fim de estabelecer uma relação entre *On the Railroad Named Delight* e textos documentais da época, incluindo artigos de jornais e revistas, assim como correspondência da e para a escritora americana. Consta-se nesse momento a importância e o valor de um trabalho desenvolvido à luz da crítica de processo pois, ao consultarmos a correspondência da época, tivemos acesso a informações de grande valia para o desenvolvimento deste trabalho. Dentre elas, a de que Bishop não teria tido a intenção de dialogar com a obra de Tennessee Williams. Ela diz, em carta à sua médica, Dr.^a Anny Baumann, escrita em 13 de março 1965, que no Brasil não havia nenhum trem chamado *Delight*. A revista *New York Times* teria escolhido, do texto de Bishop, uma palavra que lhe parecera conveniente para dar um cunho mais etnocêntrico ao artigo, o que esperava conseguir, provavelmente, com o novo título. Este teria, quem sabe, o efeito de provocar no leitor associações com a obra do dramaturgo norte-americano Tennessee Williams, *A Streetcar Named Desire*. Mas o título dado ao artigo pela sua autora, realmente, havia sido *Rio de Janeiro on its Fourth Centenary*. O trecho a seguir da carta à Dr.^a Baumann confirma a indignação de Bishop: *I hope you didn't see that NY Times piece – my original one is there, somewhere [...] They messed up the first part and hideously and put in, and cut, quite at random [...] and there is no "train named Delight"* (EB-Dr.^a Baumann, 13 mar., 1965, Box 23.5)

Reiterando as palavras da geneticista Cecília Salles (2006) de que “não se pode separar o artista do seu projeto poético, ou seja, das tendências de suas criações”, este trabalho busca refletir sobre o modo como a obra de Bishop se encontra intimamente ligada à figura da escritora, mas sem nunca esquecer de que esta aparecerá, em seu texto, permeada pela força da ficcionalidade, ou melhor, ao aparecer em sua própria obra um escritor não transmite a sua imagem como um reflexo no espelho, que é capaz de retratar com detalhes a imagem que se dispõe em sua presença, mas sim ressignificando aquilo que já foi vivido. Alguns elementos se perdem, outros são acrescidos e tantos outros modificados a fim de serem aceitos pelo próprio criador.

Também o Brasil representado na obra em questão é o Brasil segundo o olhar estrangeiro de uma escritora e artista plástica que já habitava o país desde 1951 (lembrando

que a obra foi escrita em 1965, portanto 14 anos depois) e que mesmo tendo sido testemunha de diversas manifestações desta cultura não se sentia parte dela. A ponto de declarar que se sentia como um cão que ouvia o português, mas não era capaz de falar aquela língua. Quanto às suas representações de Brasil, especialmente nas décadas de 50, quando veio morar no Brasil, e 60, contêm índices de uma época e de um momento histórico particular, encontrando seus poemas e obras em prosa o Brasil como fonte inspiradora. Devem-se compreender as reações de Bishop em relação ao nosso país, tendo como base a seguinte afirmação de David Katan:

O fato de pessoas que são parte de diferentes culturas agirem de forma diferente em um mesmo ambiente é determinado por um sistema de valores articulados pelas crenças. Crenças provêm as motivações e a razão para fazer ou não fazer as coisas.⁴ (Katan,2004, p: 80)

Portanto, as imagens apreendidas por Bishop, ao conviver com a cultura brasileira, eram filtradas por seus próprios valores e crenças. Apesar de estar morando no Brasil quando escreveu o artigo, a autora lia o cotidiano brasileiro de uma forma peculiar e filtrada por suas próprias lentes culturais, considerando que os valores e as crenças que compõem o sujeito encontram-se, com frequência, enraizadas e fortemente influenciadas pela própria cultura de origem.

Retomando a idéia de que artista e obra estão intimamente conectados, convém citar Becheer, que diz que “todo artista molha seus pincéis em sua alma, e pinta sua própria natureza”. Desta forma, para compreender a escrita de Bishop e a tradução que ela faz daquilo que observa no Brasil é preciso ir além dos limites das páginas de seu texto e buscar subsídios extra-textuais para analisar o momento da criação, os elementos em voga, a maneira que estes a influenciaram e a forma com que lida com os mesmos. De fato, a leitura que faz a escritora do Brasil está relacionada ao fato de ser ela meramente habitante do país, mas não um membro que compartilha dos valores sócio-culturais locais. Neste momento, buscamos então entender quais os símbolos e ícones de que se apropria para constituir sua visão de Brasil.

⁴ *The fact that people who are part of different cultures do things differently in similar environments is determined by a system of values articulated in terms of beliefs. Beliefs provide the motivations and the reasons for doing or not doing things*

Desemaranhando Fios Narrativos

Quais são os elementos que haveriam de estimular a criação do artigo de Bishop? Como a cidade seria filtrada na prosa que escreveu sobre o Quarto Centenário do Rio de Janeiro? Como os olhos da artista foram capazes de perceber o que acontecia nesta terra? Tais perguntas são delineadoras do caminho que se pretende percorrer enquanto críticos de processo ao debruçar sobre os bastidores do artigo *On the Railroad Named Delight*. .

Recorremos, então, a um importante marco literário escrito por Ítalo Calvino (1923 – 1985), *As Cidades Invisíveis*(1990). Segundo o autor, ao fitarmos a cidade “os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas” (CALVINO,1990:17). E é assim que Bishop tece a sua obra, a partir da observação de símbolos que para ela terão valor e interpretação peculiar.

No artigo em pauta, essas imagens serão expressas principalmente por manifestações culturais tipicamente brasileiras. Dentre estas, destacam-se as oferendas feitas a Iemanjá na noite de Ano Novo e também o carnaval. Reconhece Bishop a influência de outras culturas na formação da cultura brasileira, como se vê na seguinte passagem extraída da terceira versão dos manuscritos da obra em questão:

Lines of girls and women, [dressed] <all> in white, holding hands, and men in white, singly, waded into the [il] surf singing hymns to Yemanjá and throwing their sheaves of flowers as far out as they could. All together, the cit[i]<y>'s activities were a completely Cariocan, that is to say<,> a Rio de Janerian, mixture: mildly military[il], Latin and African, Catholic and pagan (...) This was [how] <the way> on New Year's Eve, Rio de Janeiro ushered in its fourth centenary.⁵

O Rio de Janeiro vivia uma série de homenagens em comemoração a mais um centenário da cidade e muito do que acontecia foi captado por Bishop: Da noite de Ano Novo ao selo comemorativo lançado pelos correios, do concurso de pintura nos muros da cidade ao novo bondinho que a cidade recebera, dos espetáculos teatrais aos sambas de

⁵ Na transcrição deste e de outros trechos dos manuscritos são utilizados códigos da crítica genética, como segue: [] – para eliminação; < > - para acréscimo ; il – para ilegível

carnaval, tudo foi inserido na obra. E é certamente do carnaval que Bishop retira a maior parte dos elementos para composição do seu texto.

Para Bishop, porém, foi chocante constatar a forma como os cidadãos cariocas reagem diante de um evento como aquele. Para ela, um aniversário de quatro séculos de existência de uma cidade no hemisfério ocidental merecia uma celebração ainda maior. Mas não deixar de registrar que o Rio de Janeiro era um local cheio vida e onde muitos acontecimentos cívicos pareciam estar ocorrendo ao mesmo tempo. O cotejo entre a primeira e a terceira versão dos manuscritos reitera o que está sendo exposto aqui, insistindo a autora em redimensionar em seus rascunhos o efeito que aquela cidade teria sobre as pessoas que testemunham tal aniversário:

<p>#1</p> <p>In the western hemisphere, a 400th Anniversary is a rare event, and the 4th Centenary is supposed to be celebrated off an all year. But it is hard to keep up a birthday-party spirit for a whole year, and Rio is a city that forgets more quickly than most. Perhaps [the impression] it<s> [gives of having an] extr<a>-short civic attention-span is because so much more happens here than in other cities.</p>	<p>#3</p> <p>In the western hemisphere, a 400th Anniversary is [really quite an] <a rare> event, and the Fourth Centenary is <supposed> to <be> celebrated off and on all year. But it is hard to keep up birthday-party atmosphere for a whole year, and Rio is a city that forgets [more quickly] [<il>] <quickly> than most. [il] Perhaps the impression it gives of having an [exceedingly] <extra -> short civic attention- span is because so much more happens here than in other cities.</p>
---	---

Em 1965, o IV Centenário foi temática para as escolas de samba. A escritora se apropriou de alguns desses samba enredos, traduzindo-os para o inglês e utilizando-os nas suas reflexões. A magia das escolas com suas alegorias visualmente eficientes testemunhava diversos aspectos do quarto centenário do Rio, inclusive tratando de questões políticas e mazelas sociais da cidade. Eram quatro séculos de história traduzidos pelas composições musicais e suas representações visuais no desfile das escolas de samba.

A leitura que Bishop fez do povo brasileiro e dos seus problemas sócio-políticos foi de que nesta terra tudo é esquecido rapidamente, virando piada ou, na ocasião apropriada, até música de carnaval. Há um conformismo implícito no modo de vida do brasileiro, que

Bishop consegue perceber. A seguinte passagem foi retirada da terceira versão dos manuscritos de *On the railroad named delight* e ratifica o que afirmamos:

(...) everything that does happen is immediately made into a[il] joke, an apocryphal anecdote, or, - at the right season – a [song for] <song for> Carnival, and <il> is [il]breathed in, breathed out, and exhausted <for good> in the damp blue air.

Além disso, dos presentes que a cidade recebera por ocasião do seu aniversário, Bishop foi capaz de fazer uma leitura bastante diferente daqueles que ali habitavam. Enquanto muitos se deliciavam com o novo bondinho da cidade, ela anunciava que não havia grandes mudanças ou melhorias, apenas uma mudança de cor. O novo bondinho, pintado de laranja, só era mais visível que o antigo, como segue:

<p>#1</p> <p>Two new cable cars are about to start making the trip to the top f the Sugar Loaf and back. Again according to the papers, the “visibility” will be better from these than from the other ones. This is hard to believe, since the old ones already provide one of the grandest panoramas in the world. The new ones are to be painted orange, to <u>be</u> more visible as well. In the photographs they look, one is grateful to be able to report, exactly like the old ones: that is, like old-fashioned tram-cars with the gift of levitation.</p>	<p>#3</p> <p>Two new cable cars are <soon> to start [running on the] <il> up to the top f the Sugar Loaf <.> [soon.] Again according to the papers, the “visibility” will be better [than] <from these> it is [in] <from the> the other ones. This is hard to [imagine] <believe>, since [even from] the old ones[one has more] <provide such the biggest> [il]” vision” that anywherer else in the world.[il] They are to be painted orange, to <u>be</u> more visible as well. In the photographs they look, one is grateful to be able to <il> report, exactly like the old ones: that is, like old-fashioned tram-cars with the gift of levitation.</p>
--	---

Na obra, ganha destaque as divergências entre classes e o que sofriam os menos favorecidos que, em prol de sua própria sobrevivência, muitas vezes tinham que se curvar e servir aos outros. Para exemplificar esta situação, Bishop se apropriou do samba “Juvenal”

cantado por Angelita Martinez que retrata a situação do “pobre Juvenal”. Ele precisava se deslocar pela Central do Brasil para o outro lado da cidade a fim de garantir a sobrevivência. Este samba, assim como outras músicas utilizadas pela autora na construção da sua obra teriam um valor tamanho para ela, que as datilografou em uma folha e depois as inseriu no corpo do texto. Lê-se:

Eu tenho pena do Juvenal
Pendurado o ano inteiro
Pendurado num vagão da central
Trabalha no Leblon
E mora no Encantado
Chega sempre
No trabalho atrasado (Oliveira,1995, p: 145)

Uma marchinha também ganhou espaço nas páginas escritas por Bishop. Foi a famosa letra da música: “Rio de Janeiro, cidade que nos seduz, de dia falta água e de noite falta luz”, falando dos problemas sociais que pareciam infundáveis. Fosse dia ou fosse noite, parecia difícil ter o mínimo de condições dignas para a sobrevivência. Assim, esta e tantas outras músicas falavam de brasileiros que, paradoxalmente, moravam em um lugar que, por ironia, chamava-se “Encantado”, mas viviam sempre correndo para sobreviver. Correndo dos subúrbios onde habitavam para bairros cheios de luxo e habitados, em sua maioria, pela classe alta, como o Leblon e tantos outros.

Arrematando os Fios Comemorativos do Quarto Centenário do R.Janeiro

O que se pode depreender da obra de Bishop sobre o quarto centenário é que ela percorria nas suas representações de Brasil os paradoxos de nosso povo, de nossa cultura, cheia de contrastes. Ao mesmo tempo em que admirava a diversidade cultural e observava atentamente os costumes locais, transmitindo-os para sua obra através de apropriações dos mesmos e fazendo uso da sua imaginação criadora, esbarrava-se com o modo de vida conformista do brasileiro, que parecia não compreender bem. A relação de Bishop com o Rio de Janeiro, portanto, sugeria todo um jogo de opostos porque, se por um lado a paisagem era belíssima, por outro o calor local a incomodava; se as ruas a impressionavam com as suas cores e a explosão de vida que nelas percebia, as mazelas sociais que presenciava perturbavam-na sobremaneira. Mas o que parece fundamental para se possa

compreender a obra de Bishop é que o seu olhar proveniente de uma cultura tão divergente da nossa teria de gerar também leituras diferentes impregnadas de estranhamento com relação ao que via e ouvia ao se deparar com as nossas peculiaridades culturais.

Referências

ANASTACIO, Silvia Maria Guerra. *O Jogo das Imagens no Universo da Criação de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. *A Criação de Orlando e sua Adaptação Fílmica: feminismo e poder em Virginia Woolf e Sally Potter*. Salvador: EDUFBA, 2006.

BEECHER, Henry Ward. Disponível em <http://www.maringa.com/frases/artista.php>. (Acessado por Vívian Santana em 25/11/2006).

BISHOP, Elizabeth. *Correspondence. To Anny Baumann*. March 13, 1865. Elizabeth Bishop Collection, Vassar College, Poughkeepsie, N. York. Box 23.5.

BISHOP, Elizabeth. *Published Poetry: On the Railroad Named Delight*, drafts 1, 2, 3. Elizabeth Bishop Collection, Vassar College, Poughkeepsie, N. York. Box 49.7.

KATAN, David. *Translating cultures: An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*. Manchester: St. Jerome, 2004.

LON, Borin Van & SADAR, Z. *Studies for Beginners*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

OLIVEIRA, Carmen L. *Flores raras e banalíssimas: A História de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da Criação: Construção da Obra de Arte*. São Paulo: Horizonte, 2006.